

# A APRENDIZAGEM SOCIOAMBIENTAL DAS MULHERES DO CURSO DE ARTEFATOS DE BAMBU NO ASSENTAMENTO JOSÉ EMÍDIO DOS SANTOS

*Sara Juliana Santana Santos<sup>1</sup>*

*Geisi Azevedo Silva<sup>2</sup>*

*Fernanda Damaceno Silva Gonçalves<sup>3</sup>*

## **RESUMO**

O curso de artefatos, a partir da matéria-prima do bambu foi desenvolvido no Assentamento de Reforma Agrária José Emídio dos Santos, do município de Capela-SE. Essa comunidade está inserida no entorno da Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a aprendizagem socioambiental das participantes do curso de artefatos de bambu e os reflexos dela para a percepção am-

1 Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe (PRODEMA/SE).

2 Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia da Madeira - Universidade Federal de Lavras (UFLA).

3 Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe (PRODEMA/SE)

biental dessas mulheres. O bambu é uma espécie exótica que se proliferou em diversos locais no entorno do Assentamento e no Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, sendo hoje um dos impactos mais significativos à biodiversidade do lugar. O curso de artefatos de bambu teve como método norteador o construtivismo, pois, a educação ambiental não formal foi empregada de maneira satisfatória e relacionada com a teoria e prática do referido curso. As aulas ocorreram durante três meses, sendo ministradas em sete encontros. O curso teve a participação de aproximadamente 20 mulheres, em diferentes faixas etárias. Como resultado, a percepção ambiental das participantes ficou evidenciada ao longo das aulas por meio da linguagem. As mulheres mostraram com as falas o conhecimento sobre a biota, principalmente com a flora que circunda o Assentamento e a Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco. O uso de metodologia participativa em que a comunidade é agente que interfere nas ações é fundamental para que a educação ambiental não formal se materialize de forma mais concreta. A educação ambiental transforma o indivíduo em agente crítico da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Ambiental não formal. Conhecimento socioambiental. Percepção ambiental.

## INTRODUÇÃO

A educação ambiental foi componente essencial dentro do curso de artefatos a partir da matéria-prima do bambu. O referido curso foi desenvolvido no Assentamento de Reforma Agrária José Emídio dos Santos, do município de Capela-SE. Essa comunidade está inserida nas áreas de entorno da Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco.

O trabalho manual possibilita ao aprendiz expressar-se e descobrir as próprias habilidades e aptidões e se constitui numa ferramenta eficaz para a transmissão de práticas sustentáveis. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a aprendizagem socioambiental das participantes do curso de artefatos de bambu e os reflexos dela para a percepção ambiental.

O bambu é uma espécie exótica que se proliferou em diversos locais e no entorno do Assentamento e no Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, sendo hoje um dos impactos mais significativos à biodiversidade do lugar. A comunidade do Assentamento José Emídio dos Santos acompanhou parte dessa proliferação do bambu, principalmente ao longo dos cursos fluviais da região. O curso de artefatos de bambu constituiu-se em uma ação de mobilização social para que o repasse da educação ambiental fosse mais efetivo e concreto. A educação ambiental configurou-se como essencial para a sensibilização desses atores sociais que vivem em um lugar dotado de significativa biodiversidade.

O curso de artefatos de bambu utilizou-se como método o construtivismo, em que teoria e prática são direcionadas para que o aprendiz possa ser um sujeito ativo do processo de aprendizagem. Os conceitos ambientais foram ao longo do curso repassados a partir da interação das participantes com o Meio Ambiente que circunda e está localizada a comunidade.

A educação ambiental nesse espaço educativo ocorreu de maneira não formal, aplicada por meio de procedimentos metodológicos associados à teoria e a prática de confecção das peças pelas participantes. Como se trata de uma comunidade em que os indivíduos estão se adaptando ao lugar, a educação ambiental é uma ferramenta de fortalecimento de identidade e permanência para esses atores sociais.

## DESENVOLVIMENTO

A escolha do curso de confecção de peças artesanais, a partir da matéria-prima bambu, foi das colaboradoras do Projeto Recuperar, que está em execução nas áreas do entorno do Assentamento. Um dos objetivos desse projeto é a sensibilização da comunidade em relação à conservação do Meio Ambiente. O Projeto Recuperar tem realizado a recuperação ambiental das matas ciliares dos cursos fluviais que estão inseridos no território do Assentamento José Emídio dos Santos (Figura 1). O Projeto Recuperar, patrocinado pela Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental, é uma realização do Instituto Bioterra - Organização para

Conservação da Biodiversidade e Meio Ambiente.

Ressalta-se que adjacente à localidade do Assentamento José Emídio dos Santos há a Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, em que está inserido o Bioma Mata Atlântica. É notório enfatizar que um dos impactos mais significativos ao longo dos anos na área é a proliferação do bambu, espécie exótica, substituindo em alguns cursos fluviais as matas ciliares (Figura 2). Destaca-se que uma das principais características do Bioma Mata Atlântica é a biodiversidade e o alto grau de endemismo, portanto, o bambu constitui-se um impacto ambiental de grande amplitude.



Figura 1. Área degradada com presença de um bambuzal. Fonte: Acervo do Projeto Recuperar, 2015.

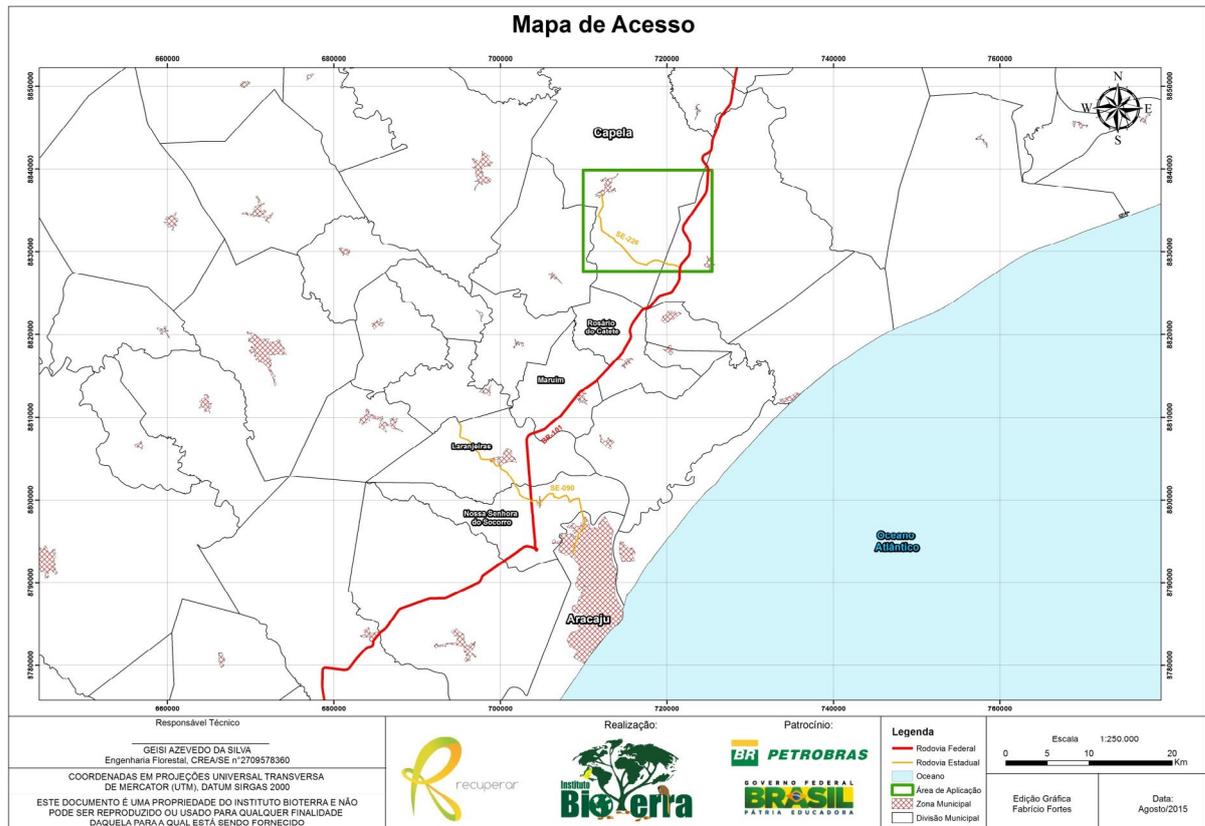


Figura 2. Mapa de acesso para o Assentamento de Reforma Agrária José Emídio dos Santos. Fonte: Acervo do Projeto Recuperar, 2015.

A percepção ambiental da paisagem demonstra a relação homem-natureza e traduz como essa interação produz e reproduz o espaço geográfico, formando também os laços culturais entre os indivíduos. O conhecimento da biota existente evidencia a identidade, e em muitos casos, o sentimento de permanência do homem ao lugar de vivência dele.

O curso de artefatos de bambu teve como método norteador o construtivismo, pois, por meio de uma abordagem construtivista a educação ambiental não formal foi empregada de maneira satisfatória e relacionada com a teoria e prática do referido curso. As aulas ocorreram durante três meses, sendo ministradas em sete encontros. O curso teve a participação de aproximadamente 20 mulheres, em diferentes faixas etárias, sendo que desse total, houve a formação de um grupo de 14 artesãs, que se motivaram ao longo das aulas e mantiveram-se assíduas durante todo o curso (Figura 3).



Figura 3. Participantes do curso de artefatos de bambu. Fonte: Acervo do Projeto Recuperar, 2015.

O primeiro contato das aprendizes-artesãs com o artesão mediador ocorreu no mês de março de 2015. Como forma de favorecer o diálogo durante o curso, foi proposto a cada participante que falasse um pouco de si e do que havia a motivado em participar do curso de artefatos de bambu. Essa abordagem foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, permitindo, dessa forma, que por meio de diálogos as participantes falassem abertamente sobre o que as motivaram a querer esse determinado curso e qual o anseio delas durante o andamento das atividades e para o futuro.

Como forma de compreender a percepção ambiental desses atores sociais, realizaram-se leituras bibliográficas sobre a temática pertinente. Ao final do curso, fez-se a aplicação de uma entrevista semiestruturada como meio de evidenciar os reflexos do repasse da educação ambiental aplicada durante os encontros.

Ressalta-se que os diálogos e debates sobre os aspectos naturais da comunidade permearam em todos os encontros.

A educação ambiental não conscientiza os sujeitos sobre a mudança de conduta deles com o Meio Ambiente, mas os sensibiliza para que eles possam compreender como a relação homem-natureza modifica a paisagem e muitas das vezes ocasiona impactos e danos ambientais. A Sensibilização ambiental trata-se de um processo de "chamamento", de olhar numa direção antes distante do campo de motivação. É um dos primeiros momentos do processo educativo que insere o educando em um mundo que se quer ver (re-)descoberto, ou simplesmente notado. Quando esses atores sociais assumem uma postura cidadã diante da natureza, eles transformam-se em agentes responsáveis dentro do espaço geográfico que vivenciam. A Responsabilidade ambiental é um processo de reflexão no sentido de colocar-se como membro constituinte do ecossistema e protagonista da transformação, modificação, organização, manutenção, preservação do ecossistema, seja em nível de micro ou macro abrangência (HIGUCHI e AZEVEDO, 2004).

De acordo com o Artigo 1º da Lei 9.795 de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental:

Art. 1º. Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

As participantes do curso configuram-se, em sua maioria, como trabalhadoras domésticas ou que em determinados períodos do ano auxiliam seus companheiros no plantio da cana-de-açúcar, principal atividade econômica da localidade. Portanto, a aprendizagem de um curso que envolve técnicas artesanais e que agregam valor aos produtos confeccionados poderá possibilitar a formação de artesãs, dando a essas mulheres maior autonomia e conseqüentemente a melhoria de vida de suas famílias.

Houve durante as aulas a discussão de conceitos ambientais como biodiversidade, bioma, preservação, conservação, manejo florestal, espécies nativas e exóticas, resíduos sólidos, água, matas ciliares, bambu, entre outros. A discussão dos conceitos por meio de uma abordagem construtivista possibilita ao sujeito se perceber como agente importante e transformador do espaço geográfico que vivencia.

Para estimular a percepção ambiental das participantes durante o curso, os procedimentos de seleção das áreas e extração do bambu foram realizados coletivamente e com a interação de teoria e prática durante essas visitas aos locais, principalmente naqueles em que a espécie exótica se proliferou. Essa metodologia tem como finalidade sensibilizar essas mulheres por meio de uma educação ambiental não formal, em que se favorece a criticidade e o fortalecimento dos princípios da etnoconservação.

Na Lei 9.795 há um destaque para a Educação Ambiental não formal, visto que é de importante relevância para a sensibilização dos problemas ambientais pela sociedade. Para esse estudo destacou-se o Artigo 13 da referida lei e alguns dos incisos que mais se relacionam com o curso de artefatos de bambu:

Art. 13. Entende-se por educação ambiental não formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.

IV - a sensibilização da sociedade para a importância das unidades de conservação;

V - a sensibilização ambiental das populações tradicionais ligadas às unidades de conservação;

VI - a sensibilização ambiental dos agricultores.

Vale ressaltar que atividades práticas e em contato direto com a natureza estimulam a cognição e a sensibilidade dos envolvidos para a conservação dos recursos naturais. As participantes durante essa prática puderam verificar e fazer um comparativo entre os locais com presença de mata nativa e onde o bambu

está presente. Nesse momento, foram repassadas explicações sobre biodiversidade e a importância da interação da biota com o meio físico e como essa relação interfere diretamente nas comunidades (Figura 4).



Figura 4. Coleta do bambu pelas participantes do curso de artefatos de bambu  
Fonte: Acervo do Projeto Recuperar, 2015.

Espécies exóticas como bambu impedem o crescimento de espécies nativas, principalmente aquelas com menor porte arbóreo, pela dificuldade de absorver a luz solar. O bambuzal quando atinge uma elevada altitude forma uma cobertura fechada dificultando a penetração da luz solar para outras espécies formando um solo desnudo.

Para a confecção das peças foi montado um espaço com uma estrutura necessária, com objetos de corte, furo e acabamento para a confecção das peças. O artesão facilitador aplicou uma

metodologia de trabalho em grupo, dividindo as participantes em duas equipes. O trabalho realizado coletivamente no início da aprendizagem do artesanato favorece o contato interpessoal, a criatividade e motiva mais o participante em aprimorar-se no ofício. A motivação do grupo de aprendizes-artesãs é algo que mostra o quanto o trabalho artesanal pode mudar a autoestima das participantes. Estimular o coletivo em comunidades rurais é uma estratégia eficaz para a permanência desses atores sociais no lugar criado e recriado por eles.

De acordo com Jacobi et al:

As práticas educativas ambientalmente sustentáveis nos apontam para propostas pedagógicas centradas na criticidade e na emancipação dos sujeitos, com vistas à mudança de comportamento e atitudes, ao desenvolvimento da organização social e da participação coletiva. Nessa proposta de educação reflexiva e engajada, centrada nos saberes e fazeres construídos com e não para os sujeitos aprendentes e ensinantes, a educação ambiental difere substancialmente da informação ambiental. Esta ainda é focada na elaboração e transmissão de conteúdos descontextualizados e "despolitizados", no sentido de instaurar mudanças efetivas na realidade através da tessitura de um conhecimento crítico, intencionalmente engajado (JACOBI et al, 2009. p. 67).

A interação foi completa durante os encontros do curso e como forma de reforçar todo o conhecimento apreendido, as participantes mostraram-se interessadas em aprimorar as técnicas aprendidas, bem como aprender novos objetos (Figura 5). O uso de metodologias participativas favorece a troca de experiências, um maior entrosamento entre os atores sociais envolvidos, como também a adequação do trabalho desenvolvido ao público-alvo que se deseja atingir. Como essas mulheres residem em áreas do entorno do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, é importante tratar um momento em que possa reuni-las para enaltecer a importância da comunidade na conservação da natureza.

Figura 5. Confeção das peças do bambu. Fonte: Acervo do Projeto Recuperar, 2015.



A criatividade foi um dos aspectos mais identificados nos grupos, pois as mulheres à medida que iriam desenvolvendo a peça relatavam os possíveis objetos que poderiam desenvolver a partir da matéria-prima bambu. O trabalho coletivo desenvolvido nos encontros foi muito satisfatório, cada equipe desenvolveu uma peça decorativa e cada participante ao término da atividade apresentou as dúvidas e o que havia descoberto nessa aprendizagem.

A percepção das participantes sobre o Meio Ambiente do entorno da comunidade e da Unidade de Conservação Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco foi sendo evidenciada ao longo dos encontros por meio da linguagem. As mulheres mostraram com as falas o conhecimento sobre a biota, principalmente com a flora que circunda o assentamento (Figura 6). Algumas destacaram o processo de degradação na última década na área, o desmatamento e a diminuição de alguns indivíduos de espécies do bioma Mata Atlântica do local. Com relação ao bambu, matéria-prima abundante na região, as participantes foram sensibilizadas para a importância do manejo florestal gradativo, para que não seja ocasionado impacto ambiental negativo de significativa amplitude nesses locais.



Figura 6. Participante relatando o conhecimento adquirido no curso de artefatos de bambu. Fonte: Acervo do Projeto Recuperar, 2015.

Conforme Jacobi:

[...] a problemática ambiental constitui um tema muito propício para aprofundar a reflexão e a prática em torno do restrito impacto das ações de resistência e de expressão das demandas da população das áreas mais afetadas pelos constantes e crescentes agravos ambientais. Mas representa também a possibilidade de abertura de estimulantes espaços para implementar alternativas diversificadas de participação social, notadamente a garantia do acesso à informação e a consolidação de canais abertos (JACOBI et al., 2003. p. 241).

Como o curso de artefatos de bambu trata-se de uma ação socioambiental, houve também a análise de como o aprendizado que as participantes foram adquirindo refletiu-se no olhar delas para a comunidade e para si mesmas. As participantes que no início do curso afirmaram querer o curso apenas para aprender algo novo, no final do curso mostraram-se motivadas a serem artesãs e coletivamente trabalhar na confecção das peças. A educação ambiental empregada no curso será fundamental para que a continuidade desse trabalho artesanal ocorra de forma sustentável e com baixo potencial poluidor.

## CONCLUSÃO

Como a área dispõe de muita matéria-prima, a substituição gradativa do bambu forneceria o material principal para a produção desses objetos a partir da madeira extraída do bambu. Ações socioambientais de recuperação de áreas degradadas podem ser executadas inserindo os atores sociais que estão em contato direto com os recursos naturais. A ação de retirada do bambu e substituição por espécies nativas se constituirá em impactos ambientais positivos nessa localidade. Realizar essa ação conjuntamente com um trabalho socioambiental e educativo para a comunidade do Assentamento de Reforma Agrária José Emídio dos Santos será de grande relevância.

Como forma de promover um trabalho de recuperação de áreas degradadas mais efetivo, o Projeto Recuperar intenciona remover gradativamente esse bambuzal das áreas de nascentes, por meio da inserção de espécies nativas, produzidas no viveiro florestal do próprio Assentamento. A execução dessa ação deverá ser feita por meio de um plano de manejo, pra não gerar impactos ambientais negativos nesses locais, como por exemplo, a intensificação dos processos intempéricos e erosivos dos talvegues desses corpos hídricos.

O uso de metodologia participativa em que a comunidade é agente que interfere nas ações é fundamental para que a educação ambiental não formal materialize-se de forma mais concreta. A educação ambiental transforma o indivíduo em agente crítico da sociedade. Ações educativas que promovam uso da natureza de forma mais equilibrada é um viés muito importante para a conservação dos recursos naturais. As participantes do curso do bambu adquiriram um conhecimento mais complexo e encadeado sobre os atributos naturais que existem no território da comunidade. A percepção ambiental delas será fundamental para as gerações atuais e futuras. Disseminar a educação ambiental nessa comunidade é vinculá-la aos princípios da etnoconservação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm). Acesso em: 10 de agosto de 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE e MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa Nacional de Educação Ambiental – Pronea. 3ª ed. Brasília, 2005. 105

HIGUCHI, M. I. G.; AZEVEDO, G. C. Educação como processo na construção da cidadania ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental, Brasília, n. 0, p. 63-70, 2004.

HOEFFEL, J. L.; et al. Concepções sobre a natureza e sustentabilidade um estudo sobre percepção ambiental na bacia hidrográfica do Rio Atibainha–Nazaré Paulista/SP. Anais... ANPPAS, 2011.

JACOBI, P. et al. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. Cad Cedes, v. 29, n. 77, p. 63-79, 2009.

JACOBI, P. et al. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de pesquisa, v. 118, n. 3, p. 189-205, 2003.

KNECHTEL R. M. Educação Ambiental: uma prática interdisciplinar. Desenvolvimento e meio ambiente, v. 3, 2001.